



O português é realmente difícil? Comparando alguns aspectos da gramática normativa da língua portuguesa com as de outras línguas europeias

Is Portuguese really difficult? Comparing some aspects of the normative grammar of the Portuguese language with those of other European languages

Aldo Luiz BIZZOCCHI^{*}

Pedro Rezende SIMÕES^{**}

RESUMO: O presente artigo apresenta a primeira etapa do projeto de pesquisa *Gramática comparada de línguas europeias: análise contrastiva da norma-padrão dos principais idiomas europeus ocidentais (românicos e germânicos)*, cujos objetivos são: 1) comparar os principais tópicos das gramáticas normativas de diversas línguas de difusão internacional, incluindo o português, em termos de número de regras gramaticais e maior ou menor complexidade dessas regras; e 2) responder, com base no estudo comparativo realizado, à pergunta corrente no senso comum “o português é realmente uma língua difícil?”, em face de comentários frequentes tanto de falantes/escrevintes do português quanto de estrangeiros de que a gramática de nossa língua é muito complexa, o que tem suscitado mesmo, por parte de alguns linguistas, propostas de simplificação da norma-padrão do português com base em usos do português brasileiro contemporâneo oral culto. Nesta primeira etapa do projeto, analisam-se contrastivamente quatro tópicos gramaticais, a saber, colocação pronominal, infinitivo pessoal, futuro do subjuntivo e numerais cardinais e ordinais, em seis línguas, sendo quatro românicas (português, espanhol, francês e italiano) e duas germânicas (inglês e alemão), a partir de consulta a gramáticas normativas de renome das línguas em estudo e sistematização das regras gramaticais e suas exceções. Conclui-se que a colocação pronominal em português padrão é muito mais complexa que a das demais línguas, apresentando ao menos 12 regras diferentes, contra apenas uma ou duas das outras cinco línguas; que o infinitivo pessoal só ocorre em português e, nos verbos regulares, confunde-se com o tempo futuro do modo subjuntivo, o qual também só subsiste atualmente em português; diferente das outras línguas românicas que não apresentam essa característica e que a formação de numerais ordinais se dá majoritariamente por mera sufixação a partir dos cardinais correspondentes em todas as línguas analisadas, com exceção do português e do espanhol, que recorrem a empréstimos dos numerais ordinais latinos.

^{*} Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo. Pesquisador do NEHiLP-USP – Núcleo de Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. aldo@aldobizzocchi.com.br

^{**} Mestrando em Letras pela Universidade de Brasília. pedrorezsim@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Gramática comparada. Gramática normativa. Complexidade gramatical. Línguas românicas. Línguas germânicas.

ABSTRACT: This article presents the first stage of the research project *Comparative grammar of European languages: contrastive analysis of the standard norm of the main Western European languages (Romance and Germanic)*, whose objectives are: 1) to compare the main topics of the normative grammars of several languages of international diffusion, including Portuguese, in terms of number of grammatical rules and greater or lesser complexity of these rules; and 2) to answer, based on the comparative study carried out, the common question “is Portuguese really a difficult language?”, in view of frequent comments by both Portuguese speakers/writers and foreigners that the grammar of the Portuguese language is very complex, which has even given rise, on the part of some linguists, to proposals for simplifying the standard norm of Portuguese based on uses of contemporary oral cultured Brazilian Portuguese. In this first stage of the project, four grammatical topics are contrastively analyzed, namely, pronoun placement, inflected infinitive, future subjunctive, and cardinal and ordinal numerals, in six languages, four of which are Romance (Portuguese, Spanish, French, and Italian) and two are Germanic (English and German), based on consultation of renowned normative grammars of the languages under study and systematization of grammatical rules and their exceptions. It is concluded that pronoun placement in standard Portuguese is much more complex than in other languages, presenting at least 12 different rules compared to only one or two in the other five languages; that the inflected infinitive only occurs in Portuguese and, in regular verbs, is confused with the future tense of the subjunctive mood, which also only exists today in Portuguese; and that the formation of ordinal numerals occurs mainly by mere suffixation from the corresponding cardinals in all languages analyzed, with the exception of Portuguese and Spanish, which resort to borrowings from Latin ordinal numerals.

KEYWORDS: Comparative grammar. Normative grammar. Grammatical complexity. Romance languages. Germanic languages.

Artigo recebido em: 31.11.2024

Artigo aprovado em: 11.02.2025

1 Introdução

No famoso ensaio *The awful German language*, o escritor americano Mark Twain, grande nome da literatura norte americana e famoso por escrever romances como *As aventuras de Tom Sawyer* e *O príncipe e o mendigo*, discute a dificuldade de aprender alemão. Em seu texto, o autor fala de forma cômica sobre as dificuldades da gramática alemã, como as declinações, os gêneros e as palavras compostas. Ele diz: “my philological studies have satisfied me that a gifted person ought to learn English

(barring spelling and pronouncing) in thirty hours, French in thirty days, and German in thirty years” (Twain, 1880, p. 2).

De maneira semelhante e igualmente cômica, o também americano David Moser, linguista e professor de mandarim da Universidade de Michigan, explica no texto *Why Chinese is so damn hard* por que os tons, os ideogramas, a ausência de cognatos com o inglês, bem como até mesmo as diferenças culturais, fazem o mandarim mais difícil do que qualquer outra língua. Nas suas palavras:

If this were as far as I went, my statement would be a pretty empty one. *Of course* Chinese is hard for me. After all, *any* foreign language is hard for a nonnative, right? Well, sort of. Not all foreign languages are equally difficult for any learner. It depends on which language you’re coming from. A French person can usually learn Italian faster than an American, and an average American could probably master German a lot faster than an average Japanese, and so on. So part of what I’m contending is that Chinese is hard compared to... well, compared to almost any other language you might care to tackle. What I mean is that Chinese is not only hard for us (English speakers), but it’s also hard in absolute terms. Which means that Chinese is also hard for *them*, for Chinese people (Moser, 1992, p. 1).

Assim, cabe-nos fazer as perguntas: por que o alemão e o mandarim são difíceis? São mesmo difíceis? Como essa dificuldade pode ser mensurada? Muitos linguistas afirmam que todas as línguas são igualmente complexas, ideia controversa e diferente até mesmo do senso comum. Se perguntarmos a pessoas leigas se o japonês é mais difícil do que o inglês, muito provavelmente teremos como resposta que o inglês é, sim, mais fácil. Essa visão intuitiva é algo que tentamos trabalhar nesta pesquisa a partir da descrição linguística.

Assim, a presente investigação é a primeira etapa do projeto de pesquisa *Gramática comparada de línguas europeias: análise contrastiva da norma-padrão dos principais idiomas europeus ocidentais (românicos e germânicos)*, uma ampla iniciativa de pesquisa cujo objetivo é estudar comparativamente a gramática da norma-padrão do português em relação às de outras línguas europeias, notadamente as românicas e as germânicas.

Portanto, nosso foco será a gramática e não a fonética ou a grafia das línguas, aspectos que costumam causar embaraço a todo e qualquer estudante de língua estrangeira, com raras exceções.

A alegação de que a gramática portuguesa é complexa e por vezes ilógica é bastante frequente tanto por parte de falantes/escreventes nativos do português quanto de estudantes de português como língua estrangeira, especialmente falantes nativos de outras línguas românicas ou das línguas germânicas. A suposta complexidade de nossa língua tem levado, por sinal, alguns linguistas brasileiros, como Ataliba de Castilho (2018) e Mário Perini (2014), a propor — a nosso ver, de maneira imprópria — a simplificação da norma-padrão, abonando usos que atualmente são exclusivos da norma oral informal do português brasileiro contemporâneo ou encontráveis apenas em textos formais mal redigidos, isto é, por usuários da língua de proficiência insuficiente na norma-padrão devida a fraca escolarização, condição que, nos dias atuais, infelizmente afeta até mesmo profissionais de nível superior, como jornalistas e acadêmicos. Vale lembrar que a norma oral é definida como o padrão de fala de uma comunidade linguística. De acordo com Pinheiro:

Nesse sentido, Travaglia (2017) defende que a simples oralização de um texto escrito não o torna um gênero oral. Assim, torna-se fundamental considerar o gênero como oral com base em duas características: ter como suporte a voz humana e ser produzido por dada comunidade para ter uma realização oral, independentemente de ter ou não uma versão escrita. Dessa forma, um artigo científico, mesmo que seja lido em voz alta, não será um gênero oral, já que não foi produzido para ser realizado oralmente, mas para existir na forma escrita. Por outro lado, podem ser considerados gêneros orais aqueles que têm uma versão escrita, mas que se realizam oralmente, usando a voz como suporte. É o caso das peças teatrais, telenovelas, recontos etc. (Pinheiro, 2019, p. 6).

Num primeiro momento, nosso objeto do estudo serão as principais línguas dessas duas famílias (espanhol, francês, italiano, inglês e alemão), mas, numa segunda

etapa, isto é, em outro artigo, serão analisadas também as gramáticas de línguas menos faladas como o catalão, o romeno, o holandês, o norueguês, o sueco, o dinamarquês e o islandês.

A motivação deste estudo é a construção de uma base científica empírica que fundamente e ponha à prova a percepção tida por muitos de que a gramática normativa do português é essencialmente mais complexa e menos lógica que a de outras línguas de cultura, seja para confirmar ou refutar essa percepção. Essa análise reveste-se de importância na medida em que algumas das línguas europeias ocidentais (românicas e germânicas) estão entre as mais importantes do mundo, sendo o português uma delas — por sinal, a quinta mais falada em termos globais, a mais falada no Hemisfério Sul e língua oficial de um dos países mais importantes do Sul global, o Brasil, sendo também uma das línguas mais utilizadas em transações comerciais internacionais. Desse ponto de vista, vale verificar até que ponto a gramática portuguesa se aproxima ou se afasta da tendência geral das outras línguas europeias, com as quais compete em termos políticos, econômicos e culturais.

Cumprir dizer ainda que muitas críticas são feitas no âmbito do senso comum à gramática normativa do português e que a afirmação de que a língua-padrão é muito difícil até para seus próprios falantes é voz corrente entre nós. Evidentemente, a precariedade e baixa qualidade da educação sobretudo no Brasil explica em parte a dificuldade do falante médio em lidar com a norma-padrão, isto é, a prescrita pela gramática normativa da língua, e mesmo com a norma culta, mas é preciso reconhecer que nossos estudantes, que estão até menos expostos ao ensino do inglês do que da língua portuguesa, mesmo assim consideram aquela língua mais fácil de aprender do que a nossa.

Vale lembrar que a norma culta, de acordo com Pinheiro é definida como:

o conjunto das características linguísticas do grupo de falantes que se consideram cultos (ou seja, a ‘norma normal’ desse grupo específico)” (Faraco; Zilles, 2017, p. 19). Essa comunidade de fala caracteriza-se por ter um certo grau de escolarização (curso superior completo) e/ou por

saber fazer uso da linguagem de prestígio social (que se aproxima das normas estabelecidas nas gramáticas normativas) nas situações em que se exige um grau alto de formalidade da língua. Assim, não são somente as normas que constam nas gramáticas normativas que servirão de referência para a linguagem desses falantes, mas também a própria manifestação linguística desses sujeitos materializada no dia a dia ou nas mídias sociais. O que podemos observar, nesse caso, é que a noção de competência linguística defendida por esse viés passa do ideal para o real (Pinheiro, 2019, p. 4).

O trabalho consiste em levantar dados e informações a partir de gramáticas e manuais de ensino de línguas sobre questões como: processos de flexão dos substantivos e adjetivos, número de paradigmas de conjugação verbal, número de tempos e modos verbais, regras de colocação pronominal, regras de concordância e regência, quantidade de irregularidades e de exceções a regras na flexão das palavras e presença de características gramaticais exclusivas de determinada língua, dentre outros aspectos.

A seguir, é feita a comparação dos dados obtidos sobre cada língua a fim de estabelecer quanto cada uma delas se aproxima ou se afasta da tendência geral do conjunto e quais línguas são gramaticalmente mais simples e regulares ou mais complexas e irregulares, destacando a posição do português nessa classificação.

Este trabalho pretende ser um amplo estudo sobre a questão da complexidade gramatical ou não do português relativamente a outras línguas. Nesse sentido, o projeto visa a contribuir para o fornecimento de um guia que permita a elaboração de melhores gramáticas e o aperfeiçoamento do ensino de língua portuguesa. Além disso, ao tratar também de outras línguas europeias de importância, esta pesquisa poderá ser igualmente relevante a estudos sobre outras línguas.

Neste artigo, são analisados quatro tópicos da gramática normativa: a colocação pronominal, o infinitivo pessoal, o futuro do subjuntivo e a formação dos numerais ordinais a partir dos cardinais.

2 Pressupostos teóricos

Ao comparar, em um nível morfossintático, o português com outras línguas europeias como inglês, francês, espanhol, italiano e alemão, são notáveis algumas características peculiares no que se refere à sua estrutura. Uma delas é a colocação pronominal, em que as regras de uso dos pronomes oblíquos diferem bastante das do espanhol e italiano, por exemplo, em que a ênclise somente é usada no imperativo, gerúndio e infinitivo, sendo o padrão a próclise em todas as outras formas verbais. Em espanhol, por exemplo, é possível dizer *¿Me puedes dar un vaso de agua?*, “Você pode dar-me um copo d’água?”. Tal colocação do pronome oblíquo não é permitida na norma-padrão do português. Outra colocação exclusiva do português (pelo menos em relação às línguas europeias) é a mesóclise, isto é, a colocação do pronome oblíquo átono entre o radical e a desinência das formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito (Oxford Portuguese Dictionary).

Outra diferença marcante entre o português e as demais línguas está na existência do infinitivo pessoal dos verbos, ou infinitivo flexionado, que, além do português, só se encontra em galego, galês e húngaro — sendo que o galego é tido como a língua-mãe do português (Venâncio, 2024). Assim, numa sentença como **Vou comprar o bolo para as crianças comerem**, a flexão do verbo no infinitivo é algo de difícil compreensão para falantes estrangeiros. Tal frase em inglês, por exemplo, seria *I will buy the cake for the children to eat*. Nota-se, portanto, que o verbo *to eat* não se flexiona neste caso.

Quanto aos numerais ordinais, a maioria das línguas apenas adiciona um sufixo que transforma um numeral cardinal em ordinal. No francês, por exemplo, tal sufixo é *ième*: *deux* ‘dois’ → *deuxième* ‘segundo’; *trois* ‘três’ → *troisième* ‘terceiro’, e assim por diante. Em português, ao contrário, os numerais ordinais acima de 19 não são palavras derivadas dos respectivos cardinais e sim empréstimos cultos do latim, o que explica o fato de serem pouco usados no registro informal/coloquial. Assim, enquanto em

francês o ordinal 50º, *cinquantième*, deriva diretamente do cardinal *cinquante*, em português temos *quinquagésimo* e não **cinquentésimo*, como seria mais natural.

O terceiro aspecto discutido aqui que parece distinguir o português das outras línguas românicas é o futuro do subjuntivo, tempo verbal que, além do português, salvo melhor juízo, só se encontra no galego e no espanhol. Em espanhol, no entanto, esse tempo verbal é ultraformal e vem caindo fortemente em desuso, já sendo considerado um arcaísmo, tanto que sua frequência mesmo em textos cultos é baixíssima (RAE, s/d). E o galego, embora estruturalmente mais próximo do português que do espanhol, é bastante influenciado por este último, o que o leva a também preterir esse tempo verbal (Galipedia, s/d).

Dessa maneira, a sentença em português **Quando eu for à escola, fale comigo** tem a presença do futuro do subjuntivo **for**, enquanto em espanhol se diria apenas *Cuando vaya a la escuela, háblame*, empregando, portanto, o presente do subjuntivo (exemplos dos autores).

Aliás, dois fenômenos verificáveis até mesmo na escrita de pessoas bem escolarizadas são o uso hipercorreto do infinitivo pessoal onde ele não caberia (“**Nós podemos esperar mais um pouco e voltarmos daqui a uma hora**”) e sua confusão com o futuro do subjuntivo (“**Nós sairemos depois que o sol se pôr**”).

Assim cabe a pergunta: o português é mais complexo do que as demais línguas europeias ocidentais, notadamente as românicas e as germânicas? Para isso, é preciso primeiro definir o que seja complexo. Seria possível medir a complexidade de uma língua de alguma forma?

Para compreender essa questão, pode-se fazer uma analogia com a biologia. Seria um mamífero mais complexo do que um peixe? Quanto à estrutura do cérebro, sim, mas, por outro lado, no que se refere à sua histologia tegumentar, o peixe, em geral, é mais complexo do que qualquer outro mamífero (Ruse, 1995, p. 30).

A ideia de que algumas línguas são mais complexas e outras mais simples é bastante controversa. Há quem argumente que todos os idiomas são igualmente

complexos, haja vista que todas as crianças aprendem a sua língua materna com a mesma facilidade e na mesma idade e que a dificuldade de aprender uma língua estrangeira depende apenas do idioma nativo do aprendiz em questão. Assim, o mandarim é bastante difícil para ocidentais, mas fácil para falantes de cantonês, por exemplo. Da mesma forma, o espanhol é bastante fácil para falantes de italiano, mas difícil para falantes de turco.

De acordo com Miestamo, Sinnemäki e Karlsson (2008), a complexidade de uma língua pode ser medida de duas formas diferentes: em termos relativos e absolutos. A complexidade relativa pode ser definida como as características linguísticas que sejam difíceis de ser adquiridas por aprendizes como L2. Já a complexidade absoluta é uma propriedade própria do sistema independentemente de seu uso.

Dixon (2010, p. 5) discute a possibilidade da avaliação das línguas. De acordo com o autor:

Then there is the charged question of evaluation. It is an accepted procedure to evaluate the worth of different economic or political systems. We have outgrown the mistaken colonialist idea that some languages are significantly more “primitive” than others. All languages are roughly equal in terms of overall complexity. But surely they are not all of precisely the same value. Might not some languages be better than others, for certain purposes? Is one language easier to learn than another? Does one language provide a superior framework for deep discussion of kinship relationships, or of subtleties of taste, or for assessing the worth of cattle herds, or for sports commentary, or for philosophical introspection?

The matter of evaluation has been scarcely aired by linguists; indeed, some consider it offensive to raise the topic. But within the context of linguistics as a natural science, such questions must be mooted (Dixon, 2010, p. 5).

O autor discute a possibilidade de comparação dos idiomas do ponto de vista de suas estruturas gramaticais. Ele menciona as diferentes maneiras como línguas distintas se valem de pronomes possessivos, tal como em amele, falada em Papua Nova Guiné, em que há dois possessivos diferentes, um para “mãe” e “pé” e outro

para “faca”. Já em dyirbal, falado na Austrália, há uma forma de possessivo para “mãe” e “faca” e outra para “pé”. Há um terceiro caso em que há uma forma de possessivo para “faca” e “pé” e outra para “mãe”.

Desse modo, a complexidade absoluta pode ser entendida como o número de regras em sua gramática, o número de verbos irregulares, dentre outros, enquanto a complexidade relativa seria conhecida, por exemplo, como a facilidade com que falantes de alemão aprendem os fonemas do árabe ou os alfabetos do japonês.

De fato, a língua materna influencia o aprendizado de uma segunda língua, e todas as crianças aprendem o seu idioma nativo com igual facilidade. Mesmo assim, seria possível medir a complexidade de uma língua a partir de um ponto de vista objetivo e não simplesmente subjetivo ou enviesado?

Este artigo procura demonstrar que é possível medir a complexidade de um idioma em termos do número de regras e de exceções ou irregularidades em cada aspecto de sua gramática, ressaltando que aqui estamos analisando e comparando a gramática normativa e, portanto, a norma-padrão de cada idioma. Evidentemente, o padrão informal-coloquial tende a ser mais simples — embora, em certos casos, possa comportar irregularidades maiores que a norma-padrão —, o que facilita o aprendizado de uma língua por um estrangeiro que precise apenas conversar e não redigir documentos formais. Em árabe, por exemplo, há uma distância muito grande entre a forma padrão *fusha* e os dialetos falados no dia a dia, situação que ocorre em menor grau em japonês, italiano, mandarim e alemão. Entretanto, o ensino de língua portuguesa, tanto para falantes nativos quanto para estrangeiros, inclui o padrão formal (o ensino de língua a falantes nativos concentra-se, por sinal, apenas nesse padrão, o único que os alunos não dominam).

Nesse sentido, mesmo que a distância entre a língua materna e a segunda língua influencie, existem aspectos puramente linguísticos que tornam a dificuldade de aprendizado maior ou menor. Por exemplo, o espanhol é bastante próximo do

português, mas certos aspectos de sua morfologia e de sua sintaxe não deixam de causar embaraço aos falantes de português.

Da mesma forma, japonês e indonésio são ambas línguas distantes para falantes de idiomas ocidentais. Porém, a primeira será, de acordo com o Foreign Service Institute (FSI), em média, muito mais difícil de aprender do que a segunda, já que o sistema de escrita envolve milhares de ideogramas, dois alfabetos e um complexo sistema de honoríficos, enquanto a segunda usa o nosso alfabeto e tem uma gramática bastante simples.

E mais, alemão e russo, ambas línguas ocidentais, têm em média, a mesma distância para um falante de português. Mesmo assim, a primeira é, em média, mais fácil do que a segunda por ter uma gramática mais “simples”, visto que seu aspecto mais difícil e peculiar, as declinações dos nomes, tem poucas regras e nenhuma exceção, conforme afirma o mesmo instituto.

Nesse sentido, um modo objetivo de mensurar a complexidade de uma língua é elencar todos os tópicos de sua gramática (morfologia nominal e verbal, sintaxe de colocação, concordância e regência etc.) e, para cada um deles, quantificar as regras e suas exceções a partir do cotejo entre gramáticas normativas de diferentes idiomas. Além disso, pode-se considerar que uma língua é tanto mais complexa quanto mais formas diferentes apresenta em relação a outras. Assim, o sistema de casos do alemão o torna mais complexo do que línguas que não fazem declinação de casos. Do mesmo modo, a conjugação verbal em sueco, que apresenta uma única forma para todas as pessoas, é objetivamente mais simples que a do português, em que para cada pessoa do singular e do plural há uma forma conjugada diferente.

Dessa perspectiva, vale a pena mencionar que um idioma pode ser complexo em um aspecto, mas simples em outro. O mandarim, por exemplo, tem uma gramática bastante simples, sem conjugações verbais, declinações, artigos, gênero ou número, mas, por outro lado, tem uma fonologia e um sistema de escrita bastante complexos.

Já no espanhol ocorre o contrário: sua fonologia e ortografia são bastante simples, mas ele possui diversos tempos verbais e uma enorme variedade em suas conjugações.

Naturalmente, o conceito de complexidade refere-se à estrutura e não ao valor de uma língua. Nenhum idioma é melhor do que outro, e todos podem expressar tudo o que seus falantes quiserem dizer em uma determinada sociedade e cultura. É necessário deixar claro, portanto, que o simples não é melhor nem pior do que o complexo. Da mesma forma como o ser humano não é superior a outras espécies animais, um suposto idioma “simples” não é inferior a um idioma “complexo”, de modo que aqui estamos tratando apenas do sistema linguístico. Este é o perigo da má interpretação, por exemplo, da hipótese Sapir-Whorf, que muitas vezes serviu como justificativa para racismo e xenofobia.

De alguma forma, a percepção de que algumas línguas são mais complexas do que outras é algo que está bastante entranhado no imaginário popular, mas, por outro lado, não é muito aceito por linguistas justamente pela falta de um critério objetivo de aferição. Por exemplo, o FSI¹ tem o objetivo de preparar diplomatas e outros profissionais das relações exteriores dos Estados Unidos para trabalhar em outros países e fazer missões no Exterior. Esse instituto elaborou uma classificação em termos de línguas mais fáceis ou mais difíceis de aprender.

Na categoria I, para falantes nativos de inglês, estão idiomas como espanhol, francês, italiano, português, romeno, holandês, sueco, africâner, norueguês e dinamarquês. Na categoria II, está o alemão; na III, o malaio-indonésio; na IV, russo, hindi, polonês, persa, turco, servo-croata, vietnamita, grego, hebraico e finlandês. Por fim, na última categoria, a V, estão mandarim, japonês, coreano, cantonês e árabe.

Para línguas da categoria I, são necessárias 24 semanas de estudo ou 600 horas. Para a categoria II, 30 semanas ou 750 horas. Para a III, 36 semanas ou 900 horas. Para

¹ <https://www.state.gov/bureausoffices/under-secretary-for-management/foreign-service-institute>

a IV, 44 semanas ou 1.100 horas. Por fim, na categoria V são necessárias 88 semanas ou 2.200 horas.

Nessa simples classificação, que, naturalmente, tem um propósito mais pedagógico do que científico, talvez seja surpreendente para os brasileiros que o português seja considerado uma língua fácil. Nem tão surpreendente assim é o fato de as línguas do Leste asiático estarem na categoria de maior dificuldade. Também é interessante notar como o alemão é mais difícil do que outras línguas germânicas, e o malaio-indonésio é mais fácil do que outras línguas asiáticas. Isso se deve à complexidade do primeiro e à simplicidade do segundo, embora a distância seja a mesma.

Assim, a ausência de flexões verbais no indonésio o torna mais fácil para americanos, enquanto as declinações do alemão o tornam mais difícil para falantes nativos de inglês. Dessa forma, um americano que esteja iniciando seu aprendizado de línguas estrangeiras provavelmente cometerá mais erros gramaticais em alemão do que em indonésio.

Basicamente, por meio da análise de cinco idiomas europeus (inglês, alemão, francês, italiano e espanhol) em quatro aspectos gramaticais, este artigo busca comparar as semelhanças e diferenças em suas estruturas em relação ao português. Trata-se de tentar responder a perguntas extremamente relevantes como:

- 1) Em termos objetivos, existem línguas mais simples e mais complexas?
- 2) Como essa complexidade pode ser medida?
- 3) De que maneira essa complexidade pode influenciar no aprendizado de uma segunda língua por adultos independentemente de qual seja sua língua nativa?

Vale mencionar a importância do contato linguístico para a formação da complexidade das línguas. É um fato conhecido na linguística que o contato frequentemente altera os idiomas tais como são falados.

Segundo Bentz e Verkerk (2008), no que diz respeito à morfologia, é comum que idiomas falados por menos pessoas tendam a ter uma morfologia mais complexa do

que aqueles com muito mais falantes. Os autores afirmam que diferentes tipos de contato trazem diferentes resultados dependendo do tipo de aquisição. Conforme dizem os autores: “Contact involving adult L2 learners is expected to engender simplification via imperfect learning, while child bilingualism is hypothesized to lead to complexification via morpheme borrowing” (Bentz; Verkerk, 2008, p. 4).

Para isso, os autores dão o exemplo do idioma faroês, que apresenta sete diferentes flexões para a palavra correspondente a “dia”: *dagur, dags, degi, dag, dagar, daga, døgum*. Em alemão, por outro lado, isso é reduzido para quatro (*Tag, Tages, Tage, Tagen*) e em inglês, para duas (*day, days*).

Naturalmente, é notável como o faroês tem cerca de 80 mil falantes, o alemão, 130 milhões, e o inglês, 1,4 bilhão. Dessa maneira, é possível reconhecer a relação entre a aquisição de um idioma por adultos com a simplificação de sua morfologia. Nesse sentido, os autores contribuem com a teoria de que a tipologia das línguas está relacionada com a tipologia das sociedades em que são faladas.

3 Metodologia

Nesta primeira etapa da pesquisa, selecionaram-se quatro tópicos da gramática normativa — a saber, a colocação pronominal, o infinitivo pessoal, o futuro do subjuntivo e a formação dos numerais ordinais a partir dos cardinais — de seis línguas, quatro românicas (português, espanhol, francês e italiano) e duas germânicas (inglês e alemão).

Procedeu-se ao levantamento e sistematização das regras gramaticais referentes aos tópicos em questão na norma-padrão das línguas objeto deste estudo a partir da consulta a gramáticas de reconhecida importância em cada um dos idiomas.

A seguir, procedeu-se à comparação dessas regras em termos de sua quantidade (quanto mais regras e exceções a elas em relação a cada tópico, mais complexa é a língua no tocante a esse tópico).

Por fim, sistematizaram-se os resultados obtidos.

4 Resultados

4.1 Colocação pronominal

A colocação pronominal é considerada como uma parte da gramática tradicional do português que diverge significativamente do idioma falado no dia a dia. Isso não é de hoje. Já no início do século XX, durante o período modernista, Oswald de Andrade escreveu o seguinte poema:

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro (Andrade, 1972, p. 25)

Tal poema representa a distância da gramática tradicional em relação à língua falada no dia a dia, o que é ainda mais acentuado no tema da colocação pronominal e o que marca significativamente a diferença entre o português brasileiro e o europeu.

Porém, em espanhol, as regras para a colocação pronominal no espanhol são apenas duas: pospõe-se o pronome oblíquo ao verbo no infinitivo, gerúndio e imperativo positivo; nos demais casos, usa-se sempre a próclise (Alarcos Llorach, 2000; Masip, 2010; Milani, 2007; Pérez Edo, 2011; Bregstein, 2019; Burgos; Regueiro, 2016):

- (1) *Quisiera amarla como ella me ama.* (Queria amá-la como ela me ama.)
- (2) *Estaba pidiéndome ayuda.* (Estava pedindo-me ajuda.)
- (3) *Vete de aquí ahora mismo.* (Vai-te daqui agora mesmo.) (Souza, 2024, grifos nossos)

Além disso, em espanhol não há a presença da mesóclise. Confira o Quadro 1.

Quadro 1 – regras de colocação pronominal em espanhol.

Próclise	Ênclise
1. verbo finito (exceto imperativo positivo)	1. infinitivo ou gerúndio 2. imperativo negativo

Fonte: elaborado pelos autores.

Já em francês, de maneira semelhante ao espanhol, usa-se a ênclise no imperativo positivo, conforme o exemplo abaixo:

(4) *Donnez-moi un crayon, s'il vous plaît.* (Dê-me um lápis, por favor.)

Por outro lado, com as demais formas verbais, usa-se a próclise.

(5) *Je me suis levé aujourd'hui à 7 heures.* (Levantei-me hoje às 7 horas.)

Mas, ao contrário do espanhol, a próclise é usada antes do verbo no infinitivo, conforme o exemplo abaixo:

(6) *Tu veux la pomme? Est-ce que je peux la manger?* (Você quer a maçã? Posso comê-la?)

Portanto, a colocação pronominal em francês obedece às seguintes regras (Akyüz, 2015; Delatour, 2020; Grégoire *et al.*, 2017; Lafleur, 2019;):

- 1) ênclise ao verbo no imperativo positivo: *excuse-moi* (desculpe-me);
- 2) próclise ao verbo no infinitivo ou gerúndio: *il faut le relire* (é preciso relê-lo); *tu l'enleves en le tirant* (você o retira puxando-o);
- 3) próclise ao verbo finito, inclusive no imperativo negativo, exceto em locução verbal com infinitivo: *je me suis couché* (eu me deitei); *je vais me coucher* (Eu vou deitar-me).

Sistematizando, temos o Quadro 2:

Quadro 2 – regras de colocação pronominal em francês.

Próclise	Ênclise
1. infinitivo ou gerúndio 2. verbo finito (exceto imperativo positivo)	1. imperativo positivo

Fonte: elaborado pelos autores.

Em italiano (Latino; Muscolino, 2013; Nocchi, 2024; Polito, 2016; Treccani, 2012; Willers, 1995), por sua vez, a colocação pronominal ocorre de maneira bastante semelhante à do espanhol, com ênclise no imperativo (exceto no imperativo formal, isto é, com os pronomes *Lei* e *Loro*), infinitivo, gerúndio e participípios (presente e pretérito), conforme o Quadro 3.

Quadro 3 – regras de colocação pronominal em italiano

Próclise	Ênclise
a) verbo finito (exceto imperativos com os pronomes <i>tu</i> e <i>voi</i>)	1. infinitivo, gerúndio, participípio presente, participípio pretérito 2. imperativo (exceto com os pronomes <i>Lei</i> e <i>Loro</i>)

Fonte: elaborado pelos autores.

Já a gramática normativa do português exige a presença da ênclise no início da frase, o que não acontece em francês nem em espanhol nem em italiano, conforme as frases:

- (7) Port. *Chamo-me* João.
- (8) Fr. Je *m'appelle* Jean.
- (9) Esp. *Me* llamo Juan.
- (10) It. *Mi* chiamo Giovanni.

O inglês e o alemão, por fim, por serem línguas germânicas, apresentam uma colocação pronominal diferente das línguas latinas. Em inglês, os pronomes oblíquos vão sempre depois do(s) verbo(s), conforme os exemplos abaixo (Aarts, 2011; Jenkins de Brito; Gregorim, 2016; Murphy, 2019):

(11) *The girl kissed me.* (A garota beijou-**me**.)

(12) *I was helping her.* (Eu estava ajudando-**a**.)

Em alemão (Camargo, 2016; Fleer, 2019; Hentschel; Weydt, 2021; Hoberg; Hoberg, 2016; Zifonun *et al.*, 1997), os pronomes apresentam diferenciação por meio de caso, conforme o Quadro 4, abaixo:

Quadro 4 – pronomes pessoais em alemão.

		Nominativo	Acusativo	Dativo
Singular	1ª pessoa	ich	mich	mir
	2ª pessoa	du	dich	dir
	3ª pessoa	er sie es	ihn sie es	ihm ihr ihm
Plural	1ª pessoa	wir	uns	uns
	2ª pessoa	ihr	euch	euch
	3ª pessoa	sie	sie	ihnen
Formal		Sie	Sie	Ihnen

Fonte: elaborado pelos autores.

Observação: o livro *Gramática Alemã*, de Herbert Andreas Welker, apresenta mais informações a respeito deste assunto.

Como em inglês, os pronomes oblíquos vêm sempre depois do verbo, conforme o exemplo abaixo:

(13) *Gib mir das Buch, bitte.* (Dê-**me** o livro, por favor.)

Os casos em que, no alemão, o pronome vem antes do verbo são falsos casos de próclise. Na verdade, é o verbo que se desloca para o final da oração quando se encontra numa das formas nominais (infinitivo ou particípio) ou quando a oração é subordinada, conforme o exemplo abaixo.

(14) *Morgen will ich **sie** besuchen, wenn sie **es mir** erlaubt.* (Amanhã quero visitá-la se ela **mo** permitir.)

Pode-se resumir as regras de colocação pronominal nas línguas em estudo da seguinte maneira (Quadro 5):

Quadro 5 – regras de colocação pronominal em espanhol, italiano, francês, inglês e alemão.

Língua	Ênclise	Próclise
Espanhol	<ul style="list-style-type: none"> • Formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio pretérito) • Imperativo positivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Demais contextos
Italiano	<ul style="list-style-type: none"> • Formas nominais (infinitivo, gerúndio, particípio presente e particípio pretérito) • Imperativo (exceto com os pronomes formais <i>Lei</i> e <i>Loro</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> • Imperativo formal • Demais contextos
Francês	<ul style="list-style-type: none"> • Imperativo positivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Demais contextos
Inglês	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre 	<ul style="list-style-type: none"> • Nunca
Alemão	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre 	<ul style="list-style-type: none"> • Nunca

Fonte: elaborado pelos autores.

Diferentemente dessas línguas, o português tem regras de colocação pronominal tanto positivas (obrigatórias) quanto negativas (proibidas), conforme a lista a seguir, inferida a partir de Bechara (2010; 2019), Cegalla (2020), Chini; Caetano (2020), Cunha (2013), Paschoalin; Spadoto (2008) e Rocha Lima (2010).

1. Não se usa próclise em início do período, exceto sob licença poética.
2. Não se usa próclise após pausa (vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos, exclamação, interrogação ou reticências).
3. Usa-se sempre próclise após atrativos, que são:
 - 3.1. palavra ou expressão negativa: *não, nada, nunca, ninguém, jamais, de modo algum, de jeito nenhum, em hipótese alguma;*

- 3.2. conjunção subordinativa integrante ou adverbial: *que, porque, se, quando, conforme, embora, logo que, visto que, contanto que, a fim de que, à medida que* etc.;
- 3.3. advérbio: *aqui, já, lá, muito, talvez, sempre, realmente* etc.;
- 3.4. numeral ou pronome indefinido: *ambos, alguém, tudo, outros, muitos, alguns* etc.;
- 3.5. pronome relativo: *que, quem, qual, onde*;
- 3.6. pronome demonstrativo: *isto, isso, aquilo* (atrativo facultativo no Brasil, não atrativo em Portugal);
- 3.7. verbo no gerúndio precedido de palavra atrativa ou da preposição *em*;
- 3.8. frase interrogativa, exclamativa ou optativa: *não me dizendo, em se tratando* etc.;
- 3.9. conjunção coordenativa aditiva ou alternativa: *não só... mas também, não só... como também, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja*;
- 3.10. palavra *só* no sentido de “somente”, “apenas”.

Vejamos então no Quadro 6, abaixo, a sistematização das regras de colocação pronominal da língua portuguesa:

Quadro 6 – regras de colocação pronominal em português.

Próclise	Ênclise	Mesóclise
Na presença de advérbios Com pronome substantivo sujeito Com pronome relativo Com conjunções subordinativas Com preposição <i>em</i> seguida de gerúndio Em frases exclamativas Em frases interrogativas Em frases optativas	Em frase iniciada por verbo, desde que este não esteja no futuro do presente ou do pretérito Nas orações reduzidas de infinitivo ou de gerúndio No imperativo positivo	Nos mesmos casos da ênclise quando o verbo estiver no futuro do presente ou do pretérito

Fonte: elaborado pelos autores.

Como se pode ver, o português apresenta ao menos 12 regras de colocação pronominal, incluindo a mesóclise, que, das línguas europeias, só a nossa tem. Enquanto isso, os demais idiomas românicos têm no máximo duas regras, e os germânicos, apenas uma.

Um fato adicional que complexifica a questão da colocação pronominal é que os pronomes oblíquos de terceira pessoa *o*, *a*, *os* e *as* exigem o uso dos alomorfes *-lo/-no*, *-la/-na*, *-los/-nos* e *-las/-nas* conforme a terminação do verbo (*r*, *s* ou *m*). E, no caso do *r* e do *s*, essas letras (e, evidentemente, os fonemas que representam) devem ser suprimidos ao receber o pronome enclítico ou mesoclítico: *amar* + *o* = *amá_-lo*, *farei* + *o* = *fá_-lo-ei*, *vemos* + *nos* = *vemo_-nos*, *faz* + *o* = *fá_-lo*, *pus* + *a* = *pu_-la*. Em um caso específico, o do verbo *querer*, não se suprime o *r* e sim acrescenta-se um *e* paragógico: *quer* + *o* = *quere-o* e não **qué-lo*.

4.2 Infinitivo pessoal

No que se refere ao infinitivo pessoal, o português é conhecido por ser um dos pouquíssimos idiomas com a presença desta construção verbal. De acordo com Drzazgowska (2014), o único idioma românico além do português a ter o infinitivo conjugado é o galego. E neste o uso de tal forma verbal é atualmente marginal (Saborido, 2018). Já segundo Jansegers:

The quintessential example of the inflected infinitive is the Portuguese one. However, one also finds the inflected infinitive in other Romance languages such as Galician, Mirandese, and some dialects of Sardinian. Furthermore, it is also attested in Old Neapolitan (from the 13th through the late 16th centuries) and Old Leonese. Outside the realm of Romance languages, the inflected infinitive is present in languages as diverse as Hungarian and Welsh (Jansegers, 2022)

De acordo com o site *Old English Online* (2023),

[i]n Old English, **inflected infinitive** is a form of the infinitive used to express purpose, obligation, or that an action is expected to happen. This inflection usually follows the preposition 'to', and takes an **-enne** ending.

E cita os seguintes exemplos com o verbo *healdan* (manter):

(15) *Hie timbrodon byrig, þæt land to healdenne*. (Eles construíram fortes para **manterem** a terra.)

(16) *Eow mæst þearf is daglic fasten to healdenne*. (É extremamente necessário **manteres** jejuns diários.)

Outras línguas que tiveram essa forma verbal, como o antigo inglês, alguns dialetos do sardo, o napolitano e o leonês, a perderam. De toda forma, são na maioria línguas antigas e/ou de pouco ou nenhum relevo internacional e em alguns casos tidas por muitos estudiosos como dialetos e não idiomas de cultura.

Assim, essa construção verbal, que é encontrada desde o século XII em textos como *Crônicas e memórias* e *Livro das linhagens*, é uma característica marcante e praticamente exclusiva da língua portuguesa que, segundo Drzazgowska (2014), que é polonesa, surpreende estudantes nativos de polônês.

Comparemos a frase abaixo em português com suas correspondentes em espanhol, francês, italiano, inglês e alemão, respectivamente.

(17) Port. *Eu dei a bola para os meus filhos **brincarem**.*

(18) Esp. *Di la pelota para que **jueguen** mis hijos.*

(19) Fr. *J'ai donné la balle pour que mes enfants **jouent**.*

(20) It. *Ho dato la palla perché i miei figli **giochino**.*

(21) Ing. *I gave the ball for my children **to play** with.*

(22) Al. *Ich habe meinen Kindern den Ball gegeben, damit sie **spielen**.*

Observemos essas frases uma a uma. Em português (17), como já foi dito, usa-se o infinitivo pessoal, enquanto em espanhol (18) é utilizada uma oração subordinada

adverbial final que, ao contrário do português, não é reduzida de infinitivo. Usa-se, então, o presente do subjuntivo e não o infinitivo flexionado.

O mesmo ocorre em francês (19), em que, como no espanhol, se usa a locução conjuntiva *pour que*, ‘para que’, permanecendo o verbo no subjuntivo, que, neste caso, é o mesmo do presente do indicativo, já que esse verbo é regular.

Em italiano (20), a construção é idêntica à do espanhol e do francês, em que há a presença da locução *perché*, ‘para que’, e, ainda, a presença da oração subordinada adverbial final.

Em inglês (21), por sua vez, usa-se a expressão *for my children to*, no qual é marcante a preposição *to*, utilizada para separar o substantivo do verbo. Também é marcante a presença da preposição no final da frase, o que, em geral, não acontece em português.

Por fim, em alemão (22) é notória, na primeira oração, a formação do pretérito perfeito com *habe gegeben*, locução verbal em que o verbo auxiliar é separado do principal. Além disso, o objeto indireto *meinen Kindern*, ‘aos meus filhos’, é declinado no caso dativo, enquanto objeto direto *den Ball*, ‘a bola’, está no acusativo. Há ainda a presença da conjunção *damit*, que pode ser traduzida como ‘de modo que, para que’ e, por fim, o verbo *spielen*, que significa ‘joguem’ e está no modo indicativo.

Da mesma forma como na oração principal, a ordem sintática é diferente da do português, sendo traduzida como ‘para que joguem’. Em alemão, o verbo é conjugado na terceira pessoa (que é a mesma do infinitivo), e não há subjuntivo.

Percebem-se, portanto, as semelhanças estruturais entre inglês e alemão, bem como entre espanhol, francês, português e italiano, marcando a diferença entre as línguas românicas e as germânicas. Mesmo assim, é inegável que o português apresenta uma diferença significativa em relação aos outros idiomas no que se refere ao uso do infinitivo flexionado.

Mesmo em casos em que as demais línguas analisadas utilizam o infinitivo, este é sempre impessoal. Por exemplo:

- (23) Port. Fiz os convidados **entrarem**.
- (24) Esp. Hice **entrar** a los invitados.
- (25) Fr. J'ai fait **entrer** les invités.
- (26) It. Ho fatto **entrare** gli ospiti.
- (27) Ing. I made the guests **come in**.
- (28) Al. Ich machte die Gäste **einkommen**.

Um dos aspectos mais espinhosos do emprego do infinitivo pessoal em português é a ocorrência do hiperurbanismo, ou hipercorreção, em que essa forma verbal é empregada em contextos em que a gramática normativa não o autoriza, como em locuções verbais com verbo modal. Exemplo: **Amanhã devemos chegar cedo e organizarmos o escritório** (subentendido **devemos organizar** e não ***devemos organizarmos**). Casos assim são correntes mesmo em textos formais, como os jornalísticos e os acadêmicos, obviamente redigidos por profissionais de nível superior, o que revela que nem mesmo os falantes/escreventes mais letrados escapam das ciladas criadas por essa forma verbal.

Mais ainda, a igualdade das formas do infinitivo pessoal e do futuro do subjuntivo nos verbos regulares (por exemplo, **colocar, colocares, colocarmos, colocardes, colocarem**) acaba motivando que, por analogia, formas daquele sejam empregadas no lugar deste em verbos irregulares, como **pormos** no lugar de **pusermos** (**se nós pormos...**). Além disso, muitos falantes/escreventes cultos utilizam ênclise ao verbo no futuro do subjuntivo se este for regular — o que é vedado pela gramática normativa — por analogia ao infinitivo pessoal, o que já não ocorre se o verbo for irregular: **se eu colocá-lo...** mas **se eu o puser...** (e não ***se eu pusé-lo...**).

Um estudo pormenorizado da possível origem do infinitivo pessoal, do qual o português é a língua-exemplo mais citada por ser aquela em que essa forma verbal é mais viva e produtiva, encontra-se em Harris (2013).

4.3 Futuro do subjuntivo

Analisemos abaixo a canção *Pra você eu digo sim*, de Rita Lee.

Se eu me apaixonar
Vê se não vai debochar
Da minha confusão
Uma vez me apaixonei
E não foi o que pensei
Estou só desde então...

Se eu me entregar total
Meu medo é
Você pensar que eu
Sou superficial...
Se eu não fizer
Amor assim sem mais

Se você brigar
E for
Correndo atrás de alguém
Não vou suportar
A dor de ver
Que eu perdi
Mais uma vez meu amor
Uuuuh!...

Mas se eu sentir
Que nós estamos juntos
Longe ou a sós
No mundo e além
Pode crer que tudo bem
O amor só precisa de nós dois
Mais ninguém
Uuuuh!...

Se você quiser
Ser meu namoradinho
E me der o seu carinho
Sem ter fim
Pra você eu digo
Sim!... (Lee, 2024)

Nessa canção, versão de Rita Lee de um sucesso dos Beatles, há a presença de várias construções (em *itálico*) que são comumente aprendidas nas aulas de inglês como *first conditionals*, isto é, orações subordinadas adverbiais condicionais que se referem a uma possibilidade concreta e não imaginária. Comparemos, assim, a oração **se você quiser ser meu namoradinho** em português, francês, inglês, espanhol, alemão e italiano, respectivamente.

- (29) Port. **Se você quiser ser meu namoradinho**
- (30) Esp. *Si tú quieres ser mi novio*
- (31) Fr. *Si tu veux être mon petit ami*
- (32) It. *Se tu vuoi essere il mio ragazzo*
- (33) Ing. *If you want to be my boyfriend*
- (34) Al. *Wenn du mein Freund sein willst*

Em português (29), há a presença do verbo **quiser**, que, em uma forma irregular, apresenta uma flexão diferente do presente do indicativo **quer**. Do ponto de vista morfológico, é interessante observar a presença de uma alomorfia em que o radical **quer-** é transformado em **quis-**.

Por outro lado, em todos os outros idiomas mencionados se usa o verbo no presente do indicativo sem uma alteração significativa da forma. Não há, portanto, o futuro do subjuntivo. Em francês e italiano, também é possível empregar o futuro do indicativo em casos nos quais o português emprega o futuro do subjuntivo: fr. *si tu pourras*, it. *se tu vorrai*.

Cumprido dizer que o tempo verbal em questão existe também em espanhol e em galego — o que não surpreende, dada a ligação umbilical entre essa língua e o português. Entretanto, nesses idiomas tal tempo verbal está em franco declínio, praticamente inexistindo mesmo em textos formais. Apenas textos ultraformais, como, por exemplo, a atual Constituição Espanhola, ainda utilizam esse tempo verbal e de modo bastante artificial, podendo-se dizer que causa tanta estranheza e até hilaridade entre os falantes do espanhol quanto a mesóclise causa a nós brasileiros. É, pois, um

tempo verbal em vias de total desuso, sendo já hoje sentido como um arcaísmo — e, por que não dizer, um índice de esnobismo.

4.4 Numerais

Começamos falando dos numerais cardinais. Em relação a estes, vale notar que em todas as línguas estudadas, com exceção de três casos do português e um do espanhol, as centenas são formadas pelo cardinal da unidade seguido da palavra correspondente ao numeral ‘cem’, aglutinada ou não, conforme mostrado no Quadro 7.

Quadro 7 – numerais cardinais (centenas) em português, espanhol, francês, italiano, inglês e alemão.

Numeral	Português	Espanhol	Francês	Italiano	Inglês	Alemão
100	cem, cento	cien, ciento	cent	cento	one hundred	einhundert
200	<i>duzentos</i>	doscientos	deux cents	duecento	two hundred	zweihundert
300	<i>trezentos</i>	trescientos	trois cents	trecento	three hundred	dreihundert
400	quatrocentos	cuatrocientos	quatre cents	quattrocento	four hundred	vierhundert
500	<i>quinhentos</i>	<i>quinientos</i>	cinq cents	cinquecento	five hundred	fünthundert
600	seiscentos	seiscientos	six cents	seicento	six hundred	sechshundert
700	setecentos	setecientos	sept cents	settecento	seven hundred	siebenhundert
800	oitocentos	ochocientos	huit cents	ottocento	eight hundred	achthundert
900	novecentos	novecientos	neuf cents	novecento	nine hundred	neunhundert

Fonte: elaborado pelos autores.

Observação: no quadro acima, os numerais que não resultam da composição **cardinal** + ‘cento’ estão em itálico.

Os numerais ordinais em português, espanhol, francês, italiano, inglês e alemão são os seguintes (Quadro 8):

Quadro 8 – numerais ordinais em português, espanhol, francês, italiano, inglês e alemão.

Português	Espanhol	Francês	Italiano	Inglês	Alemão
primeiro	primer(o)	premier	primo	first	erste
segundo	segundo	deuxième, second	secondo	second	zweite
terceiro	tercer(o)	troisième	terzo	third	dritte
quarto	cuarto	quatrième	quarto	fourth	vierte
quinto	quinto	cinquième	quinto	fifth	fünfte
sexto	sexto	sixième	sesto	sixth	sechste
sétimo	séptimo	septième	settimo	seventh	siebente, siebte
oitavo	octavo	huitième	ottavo	eighth	achte
nono	noveno	neuvième	nono	ninth	neunte
décimo	décimo	dixième	decimo	tenth	zehnte
décimo primeiro	undécimo, onceno	onzième	undicesimo	eleventh	elfte
décimo segundo	duodécimo	douzième	dodicesimo	twelfth	zwölfte
décimo terceiro	decimoterce ro	treizième	tredicesimo	thirteent h	dreizehnte
décimo quarto	decimocuar to	quatorziè me	quattordices imo	fourteent h	vierzehnte
décimo quinto	decimoquin to	quinzième	quindicesim o	fifteenth	fünfzehnte
décimo sexto	decimosexto	seizième	sedicesimo	sixteenth	sechzehnte
décimo sétimo	decimosépti mo	dix- septième	diciassetesi mo	seventee nth	siebzehnte
décimo oitavo	decimoocta vo	dix- huitième	diciottesimo	eighteent h	achtzehnte
décimo nono	decimonove no	dix- neuvième	diciannovesi mo	nineteent h	neunzehnte
vigésimo	vigésimo	vingtième	ventesimo	twentieth	zwanzigste
vigésimo primeiro	vigésimo primero	vingt- premier	ventunesimo	twenty- first	einundzwanzi gste
trigésimo	trigésimo	trentième	trentesimo	thirtieth	dreißigste
quadragési mo	cuadragési mo	quarantiè me	quarantesim o	fortieth	vierzigste

quinguagési mo	quincuagési mo	cinquantième	cinquantési mo	fiftieth	fünzigste
sexagésimo	sexagésimo	soixantième	sessantesimo	sixtieth	sechzigste
septuagési mo	septuagési mo	septantième, soixante- dixième	settantesimo	seventieth	siebzigste
octogésimo	octagésimo	huitantième, quatre- vingtième	ottantesimo	eightieth	achtzigste
nonagésimo	nonagésimo	nonantième, quatre- vingt- dixième	novantesimo	ninetieth	neunzigste
centésimo	centésimo	centième	centesimo	hundredth	hundertste

Fonte: elaborado pelos autores.

A partir do Quadro 8, pode-se extrair as seguintes conclusões:

- 1) em francês, todos os ordinais se formam acrescentando o sufixo *-ième* ao cardinal correspondente;
- 2) em italiano, todos os ordinais a partir de 11 se formam acrescentando o sufixo *-esimo* ao cardinal correspondente;
- 3) em inglês, todos os ordinais terminados em 1, 2 ou 3 são formados substituindo-se a unidade por *first*, *second* e *third*, respectivamente, e os demais ordinais se formam acrescentando-se o sufixo *-th* ao cardinal correspondente;
- 4) em alemão, com exceção dos ordinais correspondentes a 1 e 3, os demais são formados adicionando-se os sufixos *-te* (até 19) ou *-ste* (a partir de 20) aos cardinais correspondentes;
- 5) em espanhol e português, os ordinais não derivam diretamente dos respectivos cardinais, mas são formados a partir dos correspondentes ordinais latinos.

Constata-se assim que, enquanto o francês, o italiano, o inglês e o alemão têm regras bastante simples e intuitivas para formar numerais ordinais a partir de seus cardinais, o português e o espanhol exigem que o falante/escrevente conheça os numerais ordinais latinos (por exemplo, *quingagesimus*, *octingentesimus* etc.) ou memorize formas eruditas e irregulares, portanto nada intuitivas. Por sinal, no Brasil é comum substituir-se o numeral ordinal pelo cardinal correspondente, seja por facilidade de entendimento, seja por mera ignorância: *trigésima quarta DP* → *trinta e quatro DP*, *octogésima nona posição* → *posição de número oitenta e nove*, e assim por diante.

5 Considerações finais

A partir de um pequeno recorte inicial de apenas seis idiomas, incluindo o português, e somente quatro tópicos de suas gramáticas normativas, a saber, colocação pronominal, infinitivo pessoal, futuro do subjuntivo e numerais, foi possível notar na maioria dos casos uma complexidade maior do português em relação às demais línguas do *corpus* em análise.

Em relação à colocação pronominal, salta aos olhos a existência de pelo menos 12 regras em português padrão contra apenas uma ou duas dos demais idiomas. A complexidade dessas regras enseja que mesmo os falantes/escreventes mais cultos cometam tropeços, especialmente a hipercorreção, em que se emprega a ênclise, tida erroneamente como mais formal, em casos em que não é recomendada, como em orações subordinadas (por exemplo, “**antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado neste andar**”). Em contrapartida, o português brasileiro contemporâneo oral informal tende a empregar a próclise em todos os casos, numa radical simplificação da colocação pronominal.

É possível dizer também que tanto o futuro do subjuntivo como o infinitivo pessoal trazem maior complexidade ao português na medida em que essas formas verbais praticamente só subsistem em nossa língua. Com efeito, pouquíssimas línguas no mundo têm ou tiveram o infinitivo flexionado; das que ainda o mantêm, quase

todas são parentes diretas do português, como o galego e o mirandês. A semelhança formal entre o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo nos verbos regulares conduz por vezes à confusão de ambas as formas verbais no caso dos verbos irregulares. Dois exemplos clássicos desse equívoco são a substituição de **puser, pusermos** etc., por **pôr, pormos**, e assim por diante, e de **vir, virem** (do verbo **ver**) por **ver, verem**, assim como de **vier, vierem** por **vir, virem** etc.

Quanto aos numerais cardinais, percebe-se que a quantidade de centenas que não resultam da justaposição de unidade mais o elemento de composição **centos**, no caso três, é maior que a do espanhol (apenas uma) e das demais línguas (nenhuma).

Já em relação aos numerais ordinais, o português e o espanhol exigem a memorização de formas cultas latinas (e o latim deixou há bastante tempo de ser ensinado em nossas escolas), visto que os ordinais não derivam diretamente de seus cardinais correspondentes por mera sufixação como ocorre nos demais idiomas estudados. Isso leva por vezes a dúvidas e confusão entre formas (o ordinal correspondente a 40 é **quadragésimo** ou **quadringentésimo**?)

Evidentemente, as conclusões obtidas até aqui são provisórias na medida em que o *corpus* desta primeira pesquisa foi propositalmente de pequena extensão. Novas pesquisas no âmbito do projeto *Gramática comparada de línguas europeias: análise contrastiva da norma-padrão dos principais idiomas europeus ocidentais (românicos e germânicos)*, abordando outros tópicos gramaticais em mais línguas europeias (e quem sabe até de outros continentes) poderão tornar mais claro e preciso o juízo sobre a maior ou menor complexidade das línguas. Frise-se assim que nossa meta é estabelecer graus objetivos de simplicidade ou complexidade em termos absolutos e não do ponto de vista relativo de quem aprende uma língua estrangeira mais, ou menos, aparentada à sua língua materna.

De qualquer maneira, nosso objetivo com tal projeto é oferecer uma base empírica e cientificamente rigorosa para confirmar ou refutar a afirmação do senso comum de que o português é uma língua “difícil”, localizando-o numa escala que vá

do idioma mais simples ao mais complexo. É preciso ressaltar ainda que alguns idiomas são mais simples em determinados aspectos e mais complexos em outros, de modo que tal classificação deve sempre basear-se numa média de complexidade.

Por fim, nossa pesquisa poderá contribuir para a melhoria na elaboração de gramáticas e livros didáticos de português, seja para nativos ou estrangeiros, bem como em estudos contrastivos de gramática em perspectiva multilíngue.

Referências

ANDRADE, O. de. **Obras completas**, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

BENTZ, C.; VERKERK, A. **Sociolinguistic typology**: Complexification and simplification. Helsinki: University of Helsinki, 2024.

CASTILHO, A. T. de (ed.). **História do português brasileiro V. 1**: O português brasileiro em seu contexto histórico. São Paulo: Contexto, 2018.

DIXON, R. M. W. **Basic linguistic theory, volume 1**: methodology. Oxford: Oxford University Press, 2010.

DRZAZGOWSKA, J. **Infinitivo pessoal – um fenómeno português?** Algumas observações acerca do infinitivo flexionado. Gdańsk: Uniwersytet Gdański, 2014. DOI <https://doi.org/10.12797/SI.13.2014.13.29>

GALIPEDIA. Futuro de subxuntivo. Available at: https://gl.wikipedia.org/wiki/Futuro_de_subxuntivo

HARRIS, M. J. The origin of the Portuguese inflected infinitive through a corpus analysis. In: CABRELLI AMARO, J. *et al.* (ed.) **Selected Proceedings of the 16th Hispanic Linguistics Symposium**, Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2013. p. 303-311.

JANSEGGERS, M. Inflected Infinitives. **Oxford Bibliographies**. Available at: <https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780199772810/obo-9780199772810-0216.xml>. Access on: 10th Nov. 2024.

LEE, R. **Se eu me apaixonar**. Available at: <https://www.youtube.com/watch?v=Q4geRH01R-M>

MIESTAMO, M.; SINNEMÄKI, K.; KARLSSON, F. **Language complexity**: typology, contact, change. Helsinki: University of Helsinki, 2008. DOI <https://doi.org/10.1075/slcs.94>

MOSER, C. Readings in Chinese. **Pinyin.info**, 1992. Available at: <https://pinyin.info/readings/texts/moser.html>

OLD ENGLISH ONLINE. **Inflected Infinitive**. Available at: <https://oldenglish.info/advanced3.html#:~:text=In%20Old%20English%2C%20inflected%20infinitive,and%20takes%20an%20%2Denne%20ending>

OXFORD UNIVERSITY PRESS. **Oxford Portuguese Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, s/d. Available at: <https://www.oxfordreference.com>

PERINI, M. **Mário Perini**: entrevistado por Andréa Rodrigues, Cláudio Cezar Henriques e André Rangel Rios. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

PINHEIRO, L. C. **Gêneros orais e normas linguísticas**: análise de uma proposta de ensino no contexto digital. Belo Horizonte. Available at: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16842/13603>

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Los tiempos del subjuntivo (III)**. El futuro simple (cantare) y el futuro compuesto (hubiere cantado). Available at: <https://www.rae.es/gtg/futuro-simple-de-subjuntivo>

RUSE, M. **Levando Darwin a sério**. v. 15. Translated by Regina Regis Junqueira. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1995.

SABORIDO, C. Infinitivo pessoal. **Portal Galego da Língua – PGL.gal**, 2018. Available at: <https://pgl.gal/infinitivo-pessoal>

SOUZA, W. M. de. **Colocação pronominal em espanhol**. Available at: <https://espanhol.warleymatiasdesouza.com.br/colocacao-pronominal-espanhol>

TWAIN, M. **The awful German language** (1880). Available at: <https://faculty.georgetown.edu/jod/texts/twain.german.html>

UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. **Foreign Service Institute**. Available at: <https://www.state.gov/bureaus-offices/under-secretary-for-management/foreignservice-institute>

VENÂNCIO, F. **Assim nasceu uma língua**: sobre as origens do português. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2024.

Gramáticas consultadas

AARTS, B. **Oxford modern English grammar**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 2011.

AKYÜZ, A. **Focus – Grammaire du Français**. Paris: Hachette, 2015.

ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Real Academia Española, 2000.

BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BREGSTEIN, B. **Espanhol avançado fácil e passo a passo**: domine a gramática para um conhecimento avançado em espanhol. São Paulo: Alta Books, 2019.

BURGOS, M. A.; REGUEIRO, M. A. V. **Michaelis espanhol gramática prática**. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

CAMARGO, G. P. de. **Michaelis alemão gramática prática**. 3rd ed. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2020.

CHINI, A.; CAETANO, M. M. **Gramática normativa da língua portuguesa**: um guia completo do idioma. Brasília: OAB, 2020.

CUNHA, C. **Gramática essencial**. Edited by Cilene da Cunha Pereira. 1.ed., 3. repr. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DELATOUR. Y. **Nouvelle grammaire du Français**. Paris: Hachette, 2020.

FLEER, S. **Curso de gramática Langenscheidt alemão**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

GRÉGOIRE, M. *et al.* **Grammaire progressive du Français**. 4. ed. Paris: CLE International, 2017.

HENTSCHEL, E.; WEYDT, H. **Handbuch der deutschen Grammatik**. Berlin: De Gruyter, 2021. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110629651>

HOBERG, R.; HOBERG, U. **Der kleine Duden – Deutsche Grammatik**: Eine Sprachlehre für Beruf, Studium, Fortbildung und Alltag. Mannheim: Duden, 2016.

ISTITUTO DELLA ENCICLOPEDIA ITALIANA FONDATA DA GIOVANNI TRECCANI. **La grammatica italiana**. Roma: Treccani, 2012.

JENKINS DE BRITTO, M. M.; GREGORIM, C. O. **Michaelis inglês gramática prática**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

LAFLEUR, N. **Curso de gramática Langenscheidt francês**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

LATINO, A.; MUSCOLINO, M. **Una grammatica italiana per tutti**, v. 1. Roma: Edilingua, 2013.

MASIP, V. **Gramática española para brasileños**. São Paulo: Parábola, 2010.

MILANI, E. M. **Gramática de espanhol para brasileiros**. São Paulo: Saraiva, 2007.

MURPHY, R. **English grammar in use**. 5. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

NOCCHI, S. **Grammatica pratica della lingua italiana**: edizione aggiornata. Florence: Alma, 2024.

PASCHOALIN, M. A.; SPADOTO, N. T. **Gramática**: teoria e exercícios. São Paulo: FTD, 2008.

PÉREZ EDO, M. A. *et al.* **Gramática normativa de la lengua española**. Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona, 2011.

POLITO, A. G. **Michaelis italiano gramática prática**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

WILLERS, H. **Gramática de italiano** Langenscheidt. Queluz de Baixo: Presença/Berlin: Langenscheidt, 1995.

ZIFONUN, G.; HOFFMANN, L.; STRECKER, B. **Grammatik der deutschen Sprache**. Berlim: De Gruyter, 1997.